

# O novo ciclo político e a superação da dependência

The new political cycle and the overcoming of the economic dependence

► DOI: <https://doi.org/10.4322/principios.2675-6609.2022.165.001>

O tema do desenvolvimento social e econômico em países da periferia do capitalismo sempre foi objeto da atenção de autores das mais diversas áreas: Economia, Geografia, História, Sociologia, Relações Internacionais, Filosofia, Linguística e outras. Ao longo do tempo, essa temática revelou-se um objeto complexo, com ramificações e interfaces em diferentes campos do saber.

Nesse terreno, a perspectiva marxista construiu fortuna teórica digna de destaque. Essa construção tem início ainda no marxismo clássico, por meio dos trabalhos de Vladímir Lênin. O teórico e líder revolucionário russo forneceu aportes decisivos, com destaque para os conceitos de *imperialismo* e *desenvolvimento desigual*.

Dentro do debate sobre a dependência, ganharam destaque nas últimas décadas as chamadas “teorias da dependência”. Elas são parte de um imenso esforço teórico que incluiu ativamente o marxismo, embora não se tenha restringido a ele. Esse esforço, iniciado no pós-Segunda Guerra, tinha o sentido de sistematizar teorias do desenvolvimento que fossem capazes de responder a uma grande questão da época: como evitar a eclosão de uma nova guerra mundial?

O sucesso da dinâmica econômica soviética em meio à crise de 1929 e a derrota imposta por essa dinâmica à maior máquina de guerra, até então, da história chamou atenção para o papel da planificação econômica e da regulação estatal da economia como forma de contornar os efeitos mais nocivos do capitalismo. Por outro lado, a onda de descolonização da África e da Ásia trouxe para a esfera da política o direito de cada país à autonomia, ao desenvolvimento e ao planejamento.

No campo da heterodoxia econômica, além da influência de autores como Keynes e Schumpeter, ao menos duas grandes escolas podem e devem ser destacadas: os “estruturalismos” anglo-saxão e latino-americano. Nesse sentido, as chamadas teorias da dependência podem ser vistas tanto como expressão do estruturalismo latino-americano (Prebisch, Furtado, FHC, Faletto) quanto como uma corrente marxista crítica que ganhou destaque com as obras de intelectuais como Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra.

Outros autores marxistas, como o brasileiro Ignácio Rangel, abordaram o problema da dependência em outra chave. Rangel pode ser visto como uma expressão tanto

A perspectiva de derrota do conservadorismo e a consequente afirmação de novos rumos tanto para o Brasil quanto para a América Latina são fatos alvissareiros, que recolocam na agenda do debate público, notadamente no campo marxista, a questão do desenvolvimento econômico em conexão com os problemas da dependência e do subdesenvolvimento

criativa quanto crítica às teorias da dependência, dado seu esforço de construção de economias políticas nacionais, não generalizantes, para a explicação e construção de alternativas ao atraso e ao subdesenvolvimento.

A perspectiva de derrota do conservadorismo e a consequente afirmação de novos rumos tanto para o Brasil quanto para a América Latina são fatos alvissareiros, que recolocam na agenda do debate público, notadamente no campo marxista, a questão do desenvolvimento econômico em conexão com os problemas da dependência e do subdesenvolvimento.

Esta edição da revista *Princípios* apresenta sínteses atualizadas sobre essa temática, buscando não apenas resgatar o cabedal teórico a ela relacionada, mas também prospectar as soluções que o debate sobre a dependência pode apontar para os destinos do Brasil e da América Latina.

Os textos aqui coligidos abordam temáticas tão diversas quanto as teses leninistas do imperialismo e do desenvolvimento desigual; as teorias da dependência enquanto construção intelectual, envolvendo os trabalhos de autores como Ruy Mauro Marini, André Gunder Frank, Theotonio dos Santos e Vânia Bambirra, de um lado, e Celso Furtado, Raúl Prebisch, Fernando Henrique Cardoso e Enzo Faletto, de outro, apontando suas principais contribuições e limites conceituais; o pensamento independente de Ignácio Rangel, com sua crítica às teorias da dependência; as dimensões jurídica, cultural e ideológica da dependência e seu impacto para a construção de projetos de desenvolvimento.

Em comum a todos os artigos do dossiê, a preocupação em compreender as raízes históricas da dependência brasileira e latino-americana não com objetivos meramente intelectuais (no sentido diletante do termo), mas sobretudo com o propósito político de impulsionar a nova vaga progressista que se abre na região a fim de que cumpra seu papel histórico: a reconstrução do país e a superação do subdesenvolvimento e das chagas da dependência.

Artigos sobre a privatização das políticas culturais; a recorrência de tendências antidemocráticas e golpistas na sociedade brasileira, e a comercialização de crianças escravizadas no período final do Segundo Império completam esta edição, que conta ainda com resenha do recém-lançado “O Estado latino-americano: teoria e história”, livro de Leonardo Granato.

Desejamos uma boa leitura!

**A Comissão Editorial**

Acervo Depositphotos



Contêineres de mercadorias sendo embarcados em navio. O comércio exterior é símbolo de desenvolvimento, mas também pode sinalizar a dependência econômica de um país